

LAÇOS AMOROSOS, CONTEMPORANEIDADE E VIRTUALIDADE:

UM ESTUDO TEÓRICO À LUZ DA PSICANÁLISE

João Vitor Damascena e Souza

LOVE TIES, CONTEMPORANEITY AND VIRTUALITY: a theoretical study in the light of psychoanalysis

LAZOS DE AMOR, CONTEMPORARYIDAD Y VIRTUALIDAD: un estudio teórico a la luz del psicoanálisis

RESUMO

Este estudo abordou a dinâmica dos relacionamentos amorosos no ambiente virtual, destacando a importância de compreender o sujeito do inconsciente e suas manifestações nesse contexto, além de analisar de modo mais profundo as interações virtuais. Nesse contexto, a literatura pesquisada localizou dois eixos principais indicados nos debates dos autores: “amor, consumo e o discurso do capitalista”; “o amor e a fantasia inconsciente no ciberespaço”. Por fim, compreendeu-se que a contemporaneidade se destaca pela fragilização dos vínculos afetivos e pela interseção entre a realidade física e virtual. Contudo, coube ressaltar que, apesar da busca por gratificações momentâneas e pela ilusão de completude e complementariedade entre os sexos, o ambiente virtual proporciona um espaço onde indivíduos com interesses similares podem se encontrar e explorar possíveis conexões.

Palavras-chave: Laços amorosos; Contemporaneidade; Virtualidade.

ABSTRACT

This study addressed the dynamics of romantic relationships in the virtual environment, highlighting the importance of understanding the subject of the unconscious and its manifestations in this context, in addition to analyzing virtual interactions in more depth. In this context, the researched literature located two main axes indicated in the authors' debates: “love, consumption and the capitalist discourse”; “love and unconscious fantasy in cyberspace”. Finally, it was understood that contemporary times stand out for the weakening of emotional bonds and the intersection between physical and virtual reality. However, it should be noted that, despite the search for momentary gratification and the illusion of completeness and complementarity between the sexes, the virtual environment provides a space where individuals with similar interests can meet and explore possible connections.

Key words: Love ties; Contemporaneity; Virtuality.

RESUMEN

Este estudio abordó la dinámica de las relaciones románticas en el entorno virtual, destacando la importancia de comprender el tema del inconsciente y sus manifestaciones en este contexto, además de analizar con mayor profundidad las interacciones virtuales. En este contexto, la literatura investigada ubicó dos ejes principales señalados en los debates de los autores: “el amor, el consumo y el discurso capitalista”; “Amor y fantasía inconsciente en el ciberespacio”. Finalmente, se entendió que la época contemporánea se destaca por el debilitamiento de los vínculos emocionales y la intersección entre la realidad física y virtual. Sin embargo, cabe señalar que, a pesar de la búsqueda de gratificación momentánea y la ilusión de plenitud y complementariedad entre los sexos, el entorno virtual proporciona un espacio donde individuos con intereses similares pueden encontrarse y explorar posibles conexiones.

Palabras clave: Vínculos amorosos; Contemporáneo; Virtualidad.

Introdução

Atualmente, testemunhamos uma mudança histórica no modo de vida dos indivíduos. Uma série de transformações, abrangendo aspectos socioculturais, científicos, políticos, econômicos, ambientais e morais, têm afetado a sociedade de maneira profunda. Essas mudanças, em curso ao longo das últimas décadas, têm impulsionado o rápido desenvolvimento de novas tecnologias, novos modos de fazer laços através do ciberespaço, as quais exercem um impacto direto na experiência existencial do ser humano. Essa aceleração tecnológica não apenas influencia o modo como vivemos, mas também como sentimos e pensamos nossas vidas e nossas relações com os outros (KALLAS, 2016).

Sabe-se o quanto os avanços proporcionados pelas tecnologias e pelo ciberespaço têm beneficiado a sociedade. Atualmente, desfrutamos de um acesso sem precedentes a um fluxo constante de informações que impulsionam o desenvolvimento técnico e científico. Além disso, contamos com uma vasta quantidade de bancos de dados contendo informações relevantes que enriquecem nossos estudos em diversas áreas de interesse. O surgimento do ciberespaço também facilita a manutenção e o fortalecimento de amizades antigas, permitindo uma conexão contínua mesmo à distância (PIMENTEL, 2019). A velocidade a qual as informações circulam é outra vantagem significativa, proporcionando agilidade na disseminação de conhecimento e na comunicação entre indivíduos em diferentes partes do mundo. Outro aspecto positivo é a ampliação do alcance de campanhas de todos os

tipos, que agora podem atingir um público maior em um período de tempo mais curto. Isso possibilita uma mobilização mais acelerada e eficaz em questões sociais, ambientais, de saúde e outras áreas de interesse coletivo (PIMENTEL, 2019).

Contudo, a aceleração, a rapidez e a superficialidade dos processos regidos pelo ciberespaço trazem consequências preocupantes. Kallas (2016) indica que os usuários do espaço virtual mergulham em uma experiência de imersão que frequentemente resulta em uma desconexão da consciência semelhante a um estado de transe. Nesse contexto, é como se o indivíduo se transformasse em um outro de si mesmo, adotando uma persona virtual que frequentemente se diferencia significativamente de sua identidade na realidade tangível. Esse processo revela a delicada linha que separa a realidade virtual da realidade física, destacando a profunda subordinação do domínio da vida real ao domínio da vida virtual atualmente (KALLAS, 2016).

Neste contexto, chama a atenção o fato de que os relacionamentos que se desenvolvem no meio virtual podem se estabelecer regidos pela “dependência” do ciberespaço. A dependência da rede é reconhecida como uma condição clínica, exigindo abordagens de tratamento semelhantes às empregadas para lidar com outros tipos de dependência. Assim, os gestos, os comportamentos, o uso do tempo, o uso da imagem real, a produção das fantasias amorosas está marcada pela dependência da lógica do ciberespaço. Nos tornamos inibidos, embaraçados e envergonhados de expressar sentimentos, gestos e afetos no mundo real. O impossível de fazer ou de ser na realidade física, pode acontecer na realidade virtual, potencializados, inclusive, pelo véu da invisibilidade e do anonimato (KALLAS, 2016).

Segundo Viganò, o meio virtual não é somente um veículo para expressar as subjetividades contemporâneas, mas se constitui como uma influência ativa na formação dessas subjetividades: "o advento da internet potencialmente contribui para fazer da chamada realidade virtual um componente essencial da realidade social" (VIGANÒ, 2009, p. 245).

Nesse mesmo sentido, Sibilia (2015, p. 65) indica que "as subjetividades e os corpos contemporâneos são moldados pelas tecnologias da virtualidade". Em outras palavras, "essa mesma existência 'virtual' desempenha um papel transformador na existência 'real'" (NICOLACI-DA-COSTA, 2006, p. 35).

Em nosso trabalho de pesquisa, voltamos o olhar para o campo dos laços amorosos no ciberespaço, o qual também será marcado por esses novos regimes temporais de rapidez, da aceleração, da superficialidade e da dependência. Essa dinâmica conduz o amor para trajetórias diferentes das coordenadas temporais que antes o definiam. Um exemplo disso é a dimensão da “pausa” e da “espera”, dimensões temporais que organizam os tempos do amor, o tempo do encontro físico, o tempo necessário para que as pessoas se conheçam, se aproximem, produzam intimidade, reduzam inseguranças, desenvolvam o amor (VENTURA, 2021).

No entanto, a modernidade suprimiu o tempo da espera, considerando-o como algo a ser evitado, desconfortável, desnecessário. Não obter a resposta imediata no campo do outro, sobretudo no ciberespaço, parece traduzir desinteresse, desdém, indiferença. Deseja-se gratificações imediatas, com poucas palavras, simplificadas por *emojis*, encontros presenciais rápidos e, muitas vezes, superficiais.

As redes sociais emergiram como um dos principais meios de interação e busca por relacionamentos amorosos e sexuais. Além disso, os aplicativos de relacionamento assumiram uma importância significativa na vida das pessoas, inicialmente adotados por aqueles que enfrentavam desafios em suas vidas sociais, mas agora amplamente utilizados por uma grande parcela da população, tornando-se um importante veículo de encontros entre parceiros. No entanto, persiste uma incerteza sobre a genuinidade, ou se estes encontros nas “nuvens” podem se traduzir em experiências amorosas profundas e reais (DESSAL, 2019).

Neste sentido, esta pesquisa buscou abordar a dinâmica dos relacionamentos amorosos no ambiente virtual, destacando a importância de compreender o sujeito do inconsciente e suas manifestações nesse contexto, além de analisar de modo mais profundo as interações virtuais. Reconhecemos que a experiência contemporânea do sujeito na internet é permeada por novos paradigmas, abrindo caminhos ainda inexplorados para a formação de laços sociais e expressão da subjetividade. Nesse contexto, a literatura pesquisada localizou dois eixos principais indicados nos debates dos autores: “amor, consumo e o discurso do capitalista”; e “o amor e a fantasia inconsciente no ciberespaço”.

A seguir, faremos o debate situando a discussão a partir destes dois eixos.

O Sujeito Contemporâneo e o Discurso Capitalista: entre o amor e o consumo.

As subjetividades hoje se constituem de modo bastante distinto dos modos como se organizavam há algumas décadas, marcadas por mudanças culturais, tecnológicas, políticas e sociais (DUFOUR, 2005).

Com o declínio das bases que sustentavam a modernidade clássica, emergem o individualismo, a retração do papel do Estado, a compressão dos usos do tempo, a instantaneidade da informação, o crescimento e a hegemonia das tecnologias (DUFOUR, 2005). No campo dos laços, os encontros se dão de modo mais efêmero, contingente e superficial.

De acordo com Dufour (2005), o novo paradigma da pós-modernidade se fundamenta na autonomia do indivíduo. Entretanto, nascemos estruturalmente desamparados, e, com isso, sabemos que é impossível que um sujeito se sustente de modo totalmente autônomo ou isolado, sendo marcado pela necessidade estrutural do vínculo com o outro. Na era pós-moderna, o sujeito não encontra mais uma figura representativa que encarne esse outro, nem qualquer grande entidade para oferecer-lhe amparo. Para a psicanálise, a função de “autoridade paterna”, o chamado “Nome-do-Pai” se degrada, as relações se tornam horizontais e frágeis. Esta nova base de sociabilidade acontece justamente a partir do capitalismo neoliberal, e passará, então, a regular os laços de modo predominante (DUFOUR, 2005). Há uma substituição da figura simbólica de autoridade pelo mundo imaginário dos objetos.

Neste sentido, Miller (2005) indica uma transformação na maneira como os indivíduos se relacionam com o objeto *a* na contemporaneidade. Anteriormente, este objeto *a*, o chamado “objeto de desejo”, escapava, se escondia, não parecia ao alcance de ninguém. No entanto, nos tempos atuais, o discurso capitalista altera essa lógica fundamental, disseminando a ideia do “mais gozar”, fazendo parecer que o objeto existe e está ao alcance de todos. Seguindo essa linha de raciocínio, o gozo se torna acessível a todos, sem nenhum modo de restrição. Carente de uma figura paterna e do amor, o discurso capitalista estabelece uma nova forma de gratificação, uma nova abordagem em relação ao gozo, progressivamente desconectada do Outro (AMORIM; BARROS, 2022), e fortemente baseada no consumo de objetos.

Os laços amorosos diante da predominância do capitalismo neoliberal, acabam por se tornar mais frágeis. O capitalismo tenta fazer do amor um modelo universal que



compõem uma infinidade de práticas e desconsidera os impasses e singularidades que caracterizam os laços amorosos (VENTURA, 2021).

Lacan (1969-70/1992) irá compreender e analisar esse contexto de fragilização dos laços a partir da teoria dos discursos, estabelecendo os fundamentos teóricos para pensar a relação entre o sujeito e o Outro. A partir dessa investigação, Lacan propõe os quatro discursos que configuram o laço social: o discurso da histérica, do mestre, do universitário e do analista. Essa abordagem permite compreender como o discurso opera na articulação dos laços sociais. Cada um desses discursos vai promover um “freio de gozo”, permitindo que haja laço, que haja encontros.

No entanto, Lacan (1969-1970) identifica a emergência de um novo discurso resultante da inversão do discurso do mestre, por meio de sua fusão com o discurso universitário, conhecido como o discurso capitalista. Lacan aponta para uma transformação na dinâmica discursiva, na qual o discurso do capitalista surge como uma nova configuração que reflete a interseção entre o discurso do mestre e o discurso universitário (LEMOS, 2018).

No discurso do capitalista, não há freio de gozo, o que significa dizer que esse discurso faz parecer que os objetos podem suprir completamente qualquer falta. Posso me satisfazer comprando coisas, tomando fármacos, mudando minha imagem nas redes e vivendo com traços e características que não existem em mim, podemos tudo. Sendo hegemônico, o discurso do capitalista produz subjetividades egoístas, iludidas, individualistas. O discurso do capitalista, portanto, dificulta a preservação do laço. Com o objeto nas mãos, posso gozar ilimitadamente, não preciso de nada, nem de ninguém (LEMOS, 2018).

Para a psicanálise, portanto, houve uma mutação do laço social. O discurso capitalista é um sinalizador dessas mutações, considerando que, diferente dos outros discursos, esse discurso promove a degradação do laço social. Trata-se de uma era caracterizada por um sujeito que oscila entre excessos e carências, não se submetendo a uma medida definida, em que o consumo desenfreado reflete essa falta de limites (LIPOVETSKY, 2004).

Enquanto antes o imperativo de gozo estava voltado para o Eu, resultando em uma posição subjetiva de culpa e de renúncia pulsional explorada por Freud (1929-1930/1996),



agora ele está menos focado no Eu e mais excessivamente voltado para objetos externos e para a ilusão de prazer e completude estabelecidos por estes (QUINTELLA, 2012).

Um exemplo é o uso de aplicativos voltados para encontros amorosos, podemos observar uma distinção fundamental entre duas abordagens. A primeira envolve o uso desses aplicativos por indivíduos que buscam o amor e desejam encontrar alguém, abordando o aplicativo como um meio para alcançar um desejo que, embora possa ser sempre elusivo, está fundamentado na busca de uma conexão genuína e significativa. Neste contexto, o aplicativo é um revelador da falta, um instrumento na busca pelo amor e na realização de um desejo que inclui também o gozo (OLIVEIRA; CORREA, 2023).

Por outro lado, existe uma abordagem onde os aplicativos são utilizados como ferramentas para a busca de prazer imediato, enquadrando-se no discurso do capitalismo. Nesta perspectiva, o sujeito utiliza o aplicativo de encontros como um mero objeto de consumo, focando exclusivamente no gozo e na satisfação instantânea, sem considerar a dimensão mais profunda do desejo ou a busca por uma conexão amorosa duradoura (OLIVEIRA; CORREA, 2023). Esse uso reflete uma postura onde o aplicativo serve apenas como um meio para obter prazer, reduzindo as interações a transações consumistas (LACAN, 1960-1961/2010).

No contexto atual, a proliferação exponencial de produtos disponíveis para consumo contribui para uma dificuldade crescente entre os indivíduos em entender e lidar com a noção de falta. Esta abundância pode entorpecer e apagar a função da falta, levando muitos a não reconhecer ou não compreender plenamente sua própria incompletude. Como resultado, observamos uma manifestação desse vazio emocional em uma variedade de sintomas psicológicos, tais como depressão, isolamento e angústia, que são paulatinamente mais comuns nos consultórios clínicos contemporâneos. As demandas da vida contemporânea, caracterizadas pela velocidade e intensidade, contribuem para um ambiente onde há pouco tempo e espaço para reflexão e adaptação às adversidades do cotidiano. Esta falta de oportunidade para processar e integrar experiências resulta em uma tensão crescente sobre a saúde mental (JACOB; COHEN, 2010).

É um período no qual a lógica de mercado permeia várias esferas da vida, exercendo influência sobre o indivíduo contemporâneo, dado que essa dinâmica passa a controlar não

apenas o ambiente de trabalho, mas também a cultura, os laços amorosos, os impulsos pessoais, os vínculos sociais, dentre outras esferas (BAUDRILLARD, 1991; VIANA, 2002).

Segundo Lacan, os dispositivos engendrados pelo discurso capitalista são denominados "gadgets", os quais são considerados como um sintoma instituído socialmente no contemporâneo que coloca o objeto como uma fonte primordial de satisfação (ANTELO, 2016, p. 2). Frequentemente, esses objetos são percebidos como garantias de bem-estar, sendo vistos como produtos da superação da castração. No entanto, o momento de felicidade experimentado após a aquisição desses produtos é breve. Assim, os sujeitos se veem envolvidos em um circuito de repetições incessantes, buscando incessantemente recuperar o gozo perdido (BADIN & MARTINO, 2018).

Quinet (1999) argumenta que a vinculação entre as pessoas segue essa mesma dinâmica sob a intervenção do discurso capitalista. Nesse contexto, os laços sociais não são construídos com base em vínculos sólidos, levando os sujeitos a enxergarem o outro como um mero "gadget", um produto a ser consumido e descartado conforme conveniência. Essa mentalidade induz os sujeitos a se envolver em um padrão de comportamento autoerótico, no qual a busca pelo prazer está centralizada em si mesmos. Essa conduta não se ampara na constituição de uma parceria genuína entre o Eu e o Outro, mas sim na concepção do Outro como um objeto disponível para a satisfação pessoal. Como resultado, o sujeito contemporâneo tende a buscar o prazer de forma solitária, evidenciando sua incapacidade de estabelecer uma verdadeira alteridade com o Outro. Isso resulta em uma desconexão de relações interpessoais significativas e, conseqüentemente, em uma falha na experiência da alteridade (QUINET, 1999).

É fundamental destacar que o discurso capitalista exerce influência na configuração e na dinâmica da cibercultura. Visto que o saber na cibercultura é predominantemente utilizado para facilitar a obtenção de bens materiais. As informações coletadas sobre os indivíduos concentram-se principalmente em aspectos como renda, padrões de consumo, interesses e histórico de compras, retratando-os primordialmente como consumidores. Ademais, na contemporaneidade, há uma valorização extrema do ciberespaço em prejuízo da realidade material. Isso nos leva a discutir o fenômeno do fetichismo do virtual, uma fixação da sociedade nos objetos virtuais (CASTRO, 2013).

Nesse contexto, o ciberespaço funciona como uma simulação da realidade material, ampliando as limitações do mundo offline, simultaneamente o mundo offline é convocado, também como uma simulação, para atender às restrições do ciberespaço. Na medida em que a cultura virtual determina os corpos no mundo real. Nesse movimento entre a realidade virtual e material, tudo parece possível, pois as restrições são dissimuladas, de forma semelhante ao que Lacan destaca em relação ao discurso capitalista (CASTRO, 2013).

O amor e a fantasia inconsciente no Ciberespaço:

Uma importante chave teórica indicada na literatura sobre os laços amorosos no ambiente virtual, é a marca subjetiva da fantasia nesse contexto. A psicanálise vem indicando que as tecnologias, seus métodos e os discursos que as permeiam exercem uma influência profunda no âmbito psíquico, sobretudo na perspectiva da fantasia inconsciente. De acordo com a literatura pesquisada, quatro elementos se sobressaem para o entendimento dos laços amorosos no ciberespaço: a imaginação, a desterritorialização, a destemporalização e a ausência da moralidade.

De acordo com Laplanche (1982, p. 169) a fantasia é compreendida como um:

Roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente. A fantasia apresenta-se sob diversas modalidades: fantasias conscientes ou sonhos diurnos; fantasias inconscientes como as que a psicanálise revela, como estruturas subjacentes a um conteúdo manifesto; fantasias originárias.

Nesse contexto, Freud já indicava que a fantasia concede um alívio para o Eu, como exemplificado quando o indivíduo se entrega a devaneios tão comuns à vida cotidiana. Ou seja, a fantasia em seu componente “imaginativo” serve como uma válvula de escape para o Eu, permitindo uma espécie de fuga individual dos desconfortos e desafios imediatos da realidade (NOBRE; MOREIRA, 2013).

No contexto abordado e impulsionado pelo desejo, a função primordial da fantasia se revela. Atuando como um mecanismo de defesa do Eu, ela desempenha o papel de um véu para os impulsos inconscientes do Id, enquanto navega ao redor da censura e facilita a passagem desses conteúdos pelo psiquismo. Sua íntima conexão com a realidade psíquica

inconsciente a isenta da exigência de validação pela realidade externa, conforme discutido por Nobre e Moreira (2013).

Nesse contexto, é importante ressaltar que a fantasia não é meramente uma produção aleatória do desejo ou da imaginação; ela é uma função que ativamente confere significado à realidade. Sendo assim, a fantasia é uma representação do desejo, atuando na mediação entre o sujeito e o objeto. Como destacado por Safatle (2009, p. 31), o desejo desempenha um papel crucial na capacidade do sujeito de compreender o mundo, pois revela seu caráter intencional determinante na interação do sujeito com o ambiente.

É essencial apontar que o inconsciente, em sua essência, é efeito da marca do Outro, da presença do Outro, mas se estrutura de modo singular. Quando Freud (2007, p. 204) sugere que a fantasia surge através de "coisas vistas e ouvidas, mas apenas compreendidas mais tarde", ele está sugerindo que o sujeito desempenha um papel ativo na posição inconsciente que assume ao utilizar determinados fragmentos da realidade e não outros.

Nesse contexto, ao adentrar no cenário virtual que é repleto de linguagens e símbolos que possibilitam novos modos de manifestação do desejo, o conflito psíquico tende a ser reduzido. Assim, as diversas modalidades de interações proporcionadas pela internet emergem como fontes abundantes de prazer para os indivíduos, abrangendo desde entretenimento até relações sociais, explorações na esfera da sexualidade, laços afetivos e diversas outras funções que caracterizam esse meio (NOBRE; MOREIRA, 2013).

Outros dois pontos importantes e que aparecem juntos, é a marca da desterritorialidade e da destemporalidade que caracterizam tanto a produção fantasmática, quanto o funcionamento dos conteúdos no mundo virtual. A fantasia viabiliza a chance de ser acessada a qualquer instante e em qualquer localidade, através dos arranjos mentais que compõem o imaginário (NOBRE; MOREIRA, 2013). Conforme observado por Freud (1908/1996, vol.9, p.139), a fantasia permite que o desejo se manifeste no presente, empregando experiências passadas como base para construir expectativas futuras. A qualquer tempo e lugar, a fantasia pode se estabelecer e marcar a produção dos conteúdos psíquicos dos sujeitos.

Com isso, é possível perceber que a subjetividade influenciada pelo ambiente virtual está se adequando a novos paradigmas de tempo e espaço, agora compartilhados com a

diversidade. A concepção tradicional de tempo linear está sendo substituída por efeitos de fragmentação, vazio e fugacidade conceituados por alguns estudiosos como destemporalização (SIBILIA, 2008).

Ademais, a imaginação se movimenta livremente pelo ciberespaço quando concerne a desterritorialização do espaço, impulsionada pela curiosidade e pelas inclinações do sujeito, que não se sente mais confinado entre quatro paredes, nem limitado pelas fronteiras da realidade material. Baseado nessa ideia de onipresença, o sujeito se imerge na fluidez da navegação, guiado por seus interesses por diferentes trajetórias virtuais, explorando os símbolos culturais presentes no espaço virtual (NOBRE; MOREIRA, 2013).

Além de transcender as limitações do espaço para a interação social no contexto contemporâneo, é importante destacar que o sujeito se revela onipresente no ambiente virtual, tal qual a própria fantasia no psiquismo humano. A dissolução das fronteiras espaciais no ciberespaço parece refletir a mobilidade da fantasia pelos diferentes "territórios" psíquicos. A natureza fluida e transgressora da fantasia a torna uma entidade híbrida, conforme explicado por Freud, o que não apenas promove sua adaptabilidade, mas também sua integração em toda a extensão do aparelho psíquico (NOBRE; MOREIRA, 2013).

Assim como as dimensões de tempo e espaço, a moralidade parece não ser uma preocupação central na fantasia e no inconsciente. No ciberespaço, onde tempo e espaço são fluidos, as questões de moralidade constantemente não estão em destaque. No entanto, embora as considerações morais possam não ser proeminentes no contexto virtual, elas continuam a ser uma parte intrínseca de cada ser humano, sendo desafiador abordá-las de maneira virtual (NOBRE; MOREIRA, 2013).

Nesse contexto, é perceptível uma mudança significativa na percepção da moralidade pelo sujeito por meio da interação entre os reinos da realidade psíquica e virtual. No ciberespaço, a fantasia desfruta de uma maior liberdade para contornar os mecanismos psíquicos que regem as normas sociais, especialmente durante momentos de atividade anônima e solitária diante da tela. Isso resulta em uma diminuição da influência das regras sociais e facilita a busca pelo prazer, em função da distância física entre os usuários, o que reduz a

pressão da moralidade que geralmente molda as interações sociais face a face (NOBRE; MOREIRA, 2013).

Isto posto, ao considerarmos a perspectiva teórica freudiana, observamos que o mundo virtual não apenas promove a circulação da fantasia, mas também oferece um ambiente para a expressão fluida dos conteúdos inconscientes, permitindo que o sujeito se envolva nesse ambiente virtual de forma mais independente das restrições típicas da realidade material (NOBRE; MOREIRA, 2013). Diante disso, Prestes (2005) analisa o uso da Internet nas relações sociais. Em sua pesquisa sobre a evolução dos vínculos conjugais formados online, ele indaga: "por que um relacionamento online deveria ser 100% eficaz, quando os relacionamentos offline mostram resultados diferentes?" (PRESTES, 2005, p. 79). Essa análise desafia o paradigma de que os relacionamentos iniciados na Internet têm menos chances de se concretizar e são menos sérios.

Ainda, a suspeita sobre distanciamento entre os corpos, que alimenta os julgamentos sobre as relações virtuais, não deve ser analisado de forma isolada dos diferentes registros em que o corpo está envolvido (OLIVEIRA; CORREA, 2023). É essencial destacar que, para Lacan, o conceito de corpo vai além da materialidade orgânica, abrangendo dimensões no imaginário, no simbólico e no Real (LACAN, 1949/1998, 1953/1998, 1962-1963/2005). Lacan enfatiza em seu estudo todas as dimensões que o corpo pode ocupar, que além daquilo que é concreto, incluem a linguagem e a dimensão pulsional que, desde Freud, revela uma gramática de satisfação que transcende as funções orgânicas.

Além disso, um exemplo claro da interseção entre o meio virtual e a produção fantasmática é o uso de aplicativos de relacionamento para fins afetivos e sexuais. Esses aplicativos se destacam por possuir um grande número de usuários que escolhem avatares com características que podem ou não coincidir com a realidade. Nesse ambiente, é possível ajustar os próprios traços conforme os desejos, compartilhar interesses com seguidores, reagir a publicações de outros usuários com curtidas e comentários, marcar encontros e fazer amigos, tudo no cenário do mundo virtual. Esse exemplo ilustra a liberdade que a fantasia possui para criar seu próprio contexto. Além disso, alguns usuários desses aplicativos frequentemente optam por passar várias horas do dia vivendo a vida de seus avatares, muitas vezes em detrimento de suas vidas reais (DESSAL, 2019).

No entanto, é crucial destacar que as redes sociais só exercem influência sobre a realidade quando conseguem acessar os elementos internos da subjetividade do indivíduo. Isso ocorre porque a mensagem ressoa com as fantasias inconscientes e os modos de satisfação que definem o indivíduo. Além disso, essas tecnologias empregam técnicas de automação que possibilitam a disseminação viral de mensagens. O essencial do impacto viral de um conteúdo não se limita apenas ao seu alcance e número de visualizações, mas também às consequências que ele acarreta na percepção da realidade ficcional (DESSAL, 2019).

Portanto, é notável que as especificidades da internet não apenas direcionam, mas também incentivam efetivamente a participação do sujeito na constante construção da realidade virtual, proporcionando uma experiência que parece oferecer uma abundância de prazer. Nesse contexto, é perceptível uma inclinação do sujeito em direção ao princípio do prazer, conforme delineado por Freud, em detrimento do princípio da realidade (NOBRE; MOREIRA, 2013).

Além disso, uma análise clara revela que o sujeito contemporâneo apresenta uma identidade mais fluida e diversificada, conforme discutido por diversos autores. Sem dúvida, este sujeito é influenciado pela revolução tecnológica, como também por elementos do repertório simbólico e cultural. Como resultado, a capacidade do indivíduo de se destacar em relação aos padrões sociais parece ser comprometida, em parte devido à grande flexibilidade desses padrões na sociedade atual. Nesse contexto, é evidente que a fantasia desempenha um papel significativo na busca pelo prazer pessoal, como argumentado por Nobre e Moreira (2013).

É perceptível que esse mecanismo que impulsiona o universo virtual gera uma forte inércia do significante. Essa característica repetitiva busca estabelecer redes nas quais o indivíduo se encontra tanto cativo quanto fascinado. Escapar do domínio do ciberespaço se tornou uma tarefa quase impossível, e o ritmo desse processo só parece acelerar. É evidente que a transição para o discurso capitalista reflete a impedimentos para regular o desenvolvimento e a implementação de tecnologias (DESSAL, 2019).

Baseado nesse cenário, torna-se evidente que as necessidades individuais de desejo se confrontam com as opções disponibilizadas pelo sistema capitalista. Esse fenômeno oferece

um panorama no qual uma variedade de aplicativos é utilizada, com destaque para os aplicativos de relacionamento. Estes podem tanto facilitar o encontro de indivíduos que suportem a falta quanto funcionar como produtos comerciais (OLIVEIRA; CORREA, 2023).

Portanto, é crucial direcionar nossa análise não apenas para as ferramentas tecnológicas em si, avaliando sua utilidade ou criticando seus impactos, mas sim discutir as características relacionadas às escolhas dos indivíduos, desde a concepção dessas tecnologias até a maneira como são integradas em suas vidas (OLIVEIRA; CORREA, 2023).

Considerações finais:

A presente pesquisa teve como principal objetivo investigar a forma que o campo psicanalítico tem abordado na contemporaneidade os laços amorosos no contexto do ambiente virtual, analisando os achados teóricos e categorizando-os em temáticas expositivas, destacando os principais modos de compreensão do fenômeno.

Duas percepções principais emergiram a partir da compreensão psicanalítica dos laços amorosos no mundo virtual: o imperativo do gozo imposto ao sujeito pela sociedade contemporânea e as intersecções entre a produção fantasmática do sujeito e o ciberespaço. Indubitavelmente, a experiência subjetiva no ciberespaço possui tanto efeitos positivos quanto negativos. Enquanto permite uma expansão do imaginário, é essencial destacar a falta de limites que pode resultar em consequências significativas para as gerações em desenvolvimento. A busca por gratificações passageiras nas redes, aliada ao individualismo narcisista e alienante predominante nas sociedades capitalistas, evidencia um arranjo potencialmente perigoso, capaz de influenciar profundamente a estruturação da subjetividade na contemporaneidade (NOBRE; MOREIRA, 2013).

Por outro lado, os aplicativos de relacionamento têm como propósito promover a conexão entre pessoas que compartilham interesses comuns, inclusive facilitando encontros de natureza afetiva/sexual. Eles visam encorajar o estabelecimento de relações, sejam elas passageiras ou longevas. No entanto, é importante ressaltar que esses aplicativos não buscam necessariamente propiciar uma complementaridade entre os sexos, nem garantir o Um da relação sexual. Em vez disso, oferecem apetrechos para que os usuários possam avaliar suas próprias interações e relacionamentos em conformidade com seus interesses e desejos



individuais. Dessa forma, os aplicativos de relacionamento podem ser vistos como favorecem as interações humanas, em que o desenvolvimento das relações é moldado pelas escolhas dos usuários (OLIVEIRA; CORREA, 2023).

Tais aplicativos de relacionamento se dedicam a facilitar a identificação de possíveis parceiros compatíveis com base nas preferências relacionadas a um relacionamento, através de artifícios como algoritmos de correspondência, filtros de busca e perfis detalhados. A noção de "match" representa uma estratégia para identificar aqueles que têm potencial para estabelecer uma conexão significativa, seja ela emocional ou sexual (OLIVEIRA; CORREA, 2023).

Diante disso, os aplicativos de relacionamento permitem a busca e a troca de mensagens, cabendo ao usuário decidir como deseja desenvolver essas relações e se estas transcenderão o ambiente virtual. Ou seja, criam um ambiente propício para que indivíduos com interesses mútuos possam explorar potenciais conexões (OLIVEIRA; CORREA, 2023).

As limitações da pesquisa incluem o número reduzido de estudos selecionados e a falta de trabalhos em idiomas além do português. Ainda, é válido ressaltar que todo o debate realizado até o momento, sobre a compreensão do fenômeno contemporâneo dos laços amorosos no ambiente virtual, evidencia nossa principal pretensão de suscitar questionamentos, em vez de simplesmente chegar a conclusões definitivas. Isso ressaltar a natureza parcial da elaboração do nosso entendimento, que constantemente se confronta com a lacuna intrínseca ao Real.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Marcela. "Os gadgets", *Revista Estudos Lacanianos*, n.1, v.1, 2008, p. 1-16.

AMORIM, Jaqueline Oliveira; BARROS, Rogério de Andrade. "Mal-Estar do Sujeito Contemporâneo: Os efeitos do Discurso Capitalista", *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, n. 1, v. 11, 2022.

BADIN, Rayssa; MARTINHO, Maria Helena. "O discurso capitalista e seus gadgets". *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, n.10, v.02, 2018, p. 140-154.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'água, 1991.



- COSTA, Ana. "Iniciação e saber na relação sexual". In: _____. Alberti, Sonia (Org). *A sexualidade na aurora do século XXI* (2008). Rio de Janeiro: Cia. de Freud, jul. 2016, p. 307-314.
- CASTRO, Julio Cesar Lemos de. "Cibercultura e matriz lacaniana dos discursos", *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n.28, julho 2013, p. 118-136.
- DESSAL, Gustavo. *Inconsciente 3.0: Lo que hacemos con las tecnologías e lo que las tecnologías hacen con nosotros*. Argentina: Xoroi Edicions, 2019.
- DUFOUR, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças: Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização* (1929-1930). Rio de Janeiro: Imago, vol. XXI, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Los orígenes del psicoanálisis*, Madrid, Alianza, 2007, p. 204.
- FREUD, Sigmund. *Escritores criativos e devaneios* (1907-1908). Rio de Janeiro: Imago. v.9, 1996, p.147-160.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* (1920). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- JACOB, Claudia Alves; COHEN, Ruth Helena Pinto. "O Sujeito contemporâneo: um recorte psicanalítico" *Mal-Estar Subj*, Fortaleza, v. 10, n. 2, jun. 2010, p. 537-554.
- KALLAS, Marília Brandão Lemos de Moraes. "O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise" *Reverso*, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 55-63, jun. 2016.
- LACAN, Jacques. *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 238-324.
- LACAN, Jacques. *O estádio do espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1949). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 96-103.
- LACAN, Jacques. *O Seminário livro 10: a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970). Jorge Zahar, 1992, p. 192.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 8: A transferência* (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- LEMO, Patrícia do Prado Ferreira. "Amplificação do discurso do capitalista no sujeito e nos laços sociais digitais", *Barroco em Revista, S. l.*, v. 14, n. 1, 2018.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise* (1982). Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 169.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MILLER, Jacques-Alain. “Seminário de Jacques-Alain Miller em colaboração com Éric Laurent”, *Paidós*, 2005.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Internet: “Uma nova plataforma de vida”. In____. A. M. Nicolaci-da-Costa (Org.), *Cabeças digitais: O cotidiano na era da informação*, Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, São Paulo: Loyola 2006, p. 19-39.

NOBRE, Márcio Rimet; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. “A fantasia no ciberespaço: a disponibilização de múltiplos roteiros virtuais para a subjetividade”, *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 16, n.2, jul. 2013, p. 283-298.

OLIVEIRA, Gessé Duque Ferreira de; CORREA, Hevellyn Ciely da Silva. “Entre encontros faltosos e excessivos: laços amorosos e uso de tecnologias para pensar o sujeito”. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1, jun. 2023, p. 32-56. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382023000100002&lng=pt&nrm=iso.

PRESTES, Roberto Balaguer. “Amor on-line: refúgios, resistências e inícios pós-modernos”, *la CiberSociedad*, n.7, 2005, p. 79.

PIMENTEL, Deborah. “O sujeito contemporâneo e a realidade virtual”, *Estud. Psicanal*, Belo Horizonte, n.52, p.51-58, dez. 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372019000200006&lng=pt&nrm=iso. acessos em 07 abr. 2024.

QUINET, Atonio. “A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade”. In:____. N. Viana. (Org.). *Psicanálise, capitalismo e cotidiano*. Germinal, 2002/ 1999.

QUINTELLA, Rogerio. “Considerações psicanalíticas sobre o existir no mal-estar contemporâneo”, *Cadernos de Psicanálise-CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 27, p. 83-103, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v34n27/a05.pdf>. Acesso em: 20 maio 2015.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro. *Lacan*. São Paulo: Publifolha, 2009.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho científico*. São Paulo: Cortez. e-PUB, 2013.

VIANA, Nildo. (org.) *Psicanálise, Capitalismo e Cotidiano*. São Paulo: Germinal, 2002.

VENTURA, Oscar. “O amor. sempre Outro”. In:____. ALVARENGA, Elisa & MACÊDO, Lucíola (Orgs.). *Mutações do laço social - o novo nas parcerias*. Belo Horizonte, EBP-MG, 2021, p. 47.



VENTURA, Oscar. “O amor. sempre Outro”. In:____. ALVARENGA, Elisa & MACÊDO, Lucíola (Orgs). *Mutações do laço social - o novo nas parcerias*. Belo Horizonte, EBP-MG, 2021, p. 57.

VIGANÒ, Carlo. “Realidade virtual e realidade sexual”, *A peste: Revista de psicanálise e sociedade e filosofia*, v.1, n.2, 2009, p.245-251. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/a peste/article/view/6279>